



AS SANTAS MULHERES NO SEPULCHRO.

Consummou-se o augusto mysterio; o Homem-Deus expirou na cruz, e as suas ultimas palavras foram de perdão, e o seu sangue preciosissimo vae redimir da culpa original a especie humana.

O sol cobriu-se de um negro véu; a terra estremeceu; abriram-se as sepulturas; a natureza, n'uma espantosa convulsão, como que parece dar testemunho da divindade d'Aquelle que os homens, ingratos e máus, corôaram de espinhós, e, por irrisão, appellidaram rei dos judeus!

Apenas concluida a magestosa agonia do Golgotha, e agitados ainda os animos, já pelo enthusiasmo da fé, que a morte do Redemptor de nenhum modo entibiara, antes tinha tornado mais viva entre os seus discipulos: já pelos terrores que na gentalha infundiram os signaes de que fôra acompanhada e seguida; José de Arimathea, discipulo de Jesus, em despeito da perseguição de que eram victimas todos os iniciados na nova lei, apresenta-se a Pilatos, que os furiosos da plebe haviam tornado cúmplice de um tão nefando crime, e pede-lhe que lhe entregue o cadaver do divino Mestre; outro discipulo, Nicodemus, o acompanha n'este piedoso dever; e depois de embalsamado, ao modo dos judeus, e embrulha-

do em finos lençoes, o corpo de Jesus e depositado em um sepulchro, que nunca havia servido, e que foi logo guardado por muitos soldados.

As Escripturas, porém, ainda não estavam cumpridas inteiramente: Christo resuscitará; e os soldados, de que a incredulidade e a nescia desconfiança dos judeus cercara o venerando sepulchro, servirão apenas de testemunhar mais um admiravel prodigio.

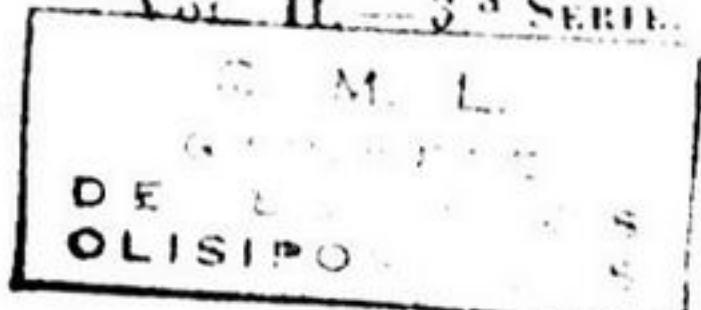
Eis como, na phrase singela do Evangelho de S. Matheus, se refere esta importante parte dos mysterios, que se celebram na semana que os christãos denominam com justa razão santa:

«Concluida pois em a noite do sabbado aquella semana, e começando já na seguinte a luzir o primeiro dia, foi Maria Magdalena, e a outra Maria, para vér se podiam entrar em o sepulchro, afim de embalsamar o corpo de Jesus.

E estando ellas pensativas, por não saberem quem lhes tiraria a pedra, que tapava a porta do sepulchro, sentiram de repente um grande tremor de terra: porque um anjo do Senhor desceu do ceu, e removendo a dita pedra, se assentou sobre ella. Brillava o seu rosto, como um raio, e os seus vestidos eram brancos como a neve. E os guardas, que o vi-

MARÇO 26. 1853

Vol. II. — 3ª SÉRIE.



cam, tiveram tal terror, que ficaram como mortos.

Mas o anjo do Senhor dirigindo-se ás mulheres lhes disse: Não tenhaes medo; porque sei que buscaes a Jesus, que foi crucificado. Elle não está aqui; porque já resuscitou, como havia dito. Vinde pois e vede o lugar onde estava depositado o mesmo Senhor. E partindo com presteza, ide annunciar aos seus discipulos, que já resuscitou; e que vae adiante de vós para Galiléa, onde o vereis. Assim vol-o tenho advertido.

Sairam logo aquellas mulheres do monumento com algum temor, e com grande prazer; e foram correndo a levar aquellas novas aos discipulos de Jesus. (1)

O auctor do quadro copiado na nossa gravura teve de certo presentes as palavras do Evangelista. Seguindo, porém, um caminho diverso do que haviam preferido outros artistas, deu á sua composição a maior simplicidade; apenas, duas figuras, que são as santas mulheres, e uma pedra a prumo, indicando a entrada do sepulchro onde ellas supõem estar o corpo d'Esse, que fundára uma religião toda baseada no amor. Nada mais! Todavia parece-nos, se nos não enganamos, que o artista comprehendeu perfeitamente o alto pensamento christão de que se inspirára, e que este quadro é um trabalho digno de muita attenção e apreço.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XI.

Nó o coração não morre!

Em quanto demos ao leitor esta breve noticia do character das pessoas que entram na scena da nossa historia, do lado de Coimbra, e no alto de um outeiro ainda distante do castello, remoinhou em rolos a poeira, e aos raios do sol poente scintillaram capellos e arcezes. Os sons das trompas retumbavam no ar, e estendiam-se ao longe.

— «E Gomes Lourenço?» bradou D. Nuno. — «Tão cedo?»

— «Não,» atalhou Martim Paes, «não de ser os de Cima-Cávado; o toque de trompas á mourisca é d'elles! Vamos vêr.»

O monge e os dous cavalleiros subiram ao eirado. A cavalgada chegava então a um cabeço, d'onde era facil contar os homens, e distinguir os individuos; d'ahi, rodeando os montes, o caminho torcia-se até á barlaça. No centro do esquadrão tremulavam os pendões, quarteando-se n'elles as cores dos ricos homens.

O frade virou a cabeça com tristeza. Pelo contrario a vista do cavalleiro de Lanhoso tinha um brilho maior quando a voltou para D. Nuno.

— «São elles,» exclamaram ambos a um tempo. — «São elles! D. Nuno, vêde D. Froylas. Que airoso vem o velho no fogoso cavallo!»

— «São setenta annos de idade que convergem os trinta e os vinte de alguns mancebos!»

— «Bem ago não quebra,» atalhou o monge.

— «Se os cavalleiros moços tivessem metade. . . .»

— «Os cavalleiros moços para que! . . .» disse D. Nuno, rindo; «não dancam elles na corte e á roda das damas, como borboletas? Os velhos que pelem! Mas em se enterrando o ultimo, adeus Portugal.»

— «Ainda ha cavalleiros moços, que não são d'esses, D. Nuno;» acudiu Martim Paes. «Olhae, aquelle mancebo á esquerda de D. Froylas?»

— «Não é Tructezindo Ramires?» perguntou o frade, resguardando a vista com a mão.

— «De certo. Com vinte annos (não os tem completos ainda) não ha melhor lança nos cavalleiros de Lima e Cima-Cávado.»

D. Nuno fez que não ouvia; e apartando-se desceu á sala d'armas para gritar do balcão:

— «A' la o rastilho! baixa a levadiça! honra aos ricos homens de Lima e Cávado!»

Em quanto gritava, o monge, pondo a mão no hombro de Martim Paes, dizia-lhe:

— «Este homem é máu e covarde, Martim Paes!»

O cavalleiro de Lanhoso não respondeu. O frade accrescentou:

— «Ouve-me agora tu! Pelo santo nome de Deus, pela alma de teu pae, pelo amor de tua irmã . . . não commettas uma acção má.»

— «Pareces parente de Gomes Lourenço, padre!»

— «Sou teu pae no amor, mancebo!»

— «E fallaes-me de perdão?! . . .»

— «Sim. Acima da affronta está a fé e a honra de cavalleiro. Teu pae, se fosse vivo, se estivesse aqui, diria como eu: Martim Paes, é despique de mulher! Vê o mundo e olha as suas vozes: O senhor de Lanhoso, ha de elle clamar, como se não achou com valor para morrer de uma lançada, não teve pejo de ser carrasco! Queres que fallem assim de ti, mancebo?»

— «Frade, não me tentes!» gritou o cavalleiro, cerrando o punho com ira. «Não me peças impossiveis.»

— «Quem os pede? Digo-te o que ha de succeder. O nome que tens fica deshonrado; e és tu, o filho d'aquelle pae, que o aviltas.»

— «Que não te ouça outra vez isso, padre!»

— «Ameaças-me?» acudiu Fr. Munio grave.

— «Nada de vaidades monge. Não falles de brios: resa as tuas orações. Deixa a quem póde com uma lança o cuidado das armas e os seus deveres.»

Os olhos do padre faiscaram de indignação.

— «E para isto te criei! A quem acabou para o mundo chamas covarde? . . . Não te envergonhas de pisar os mortos, homem orgulhoso e soberbo? Aonde estão os Cides, hoje, mancebo?»

Envergonhado da reprehensão, Martim Paes não respondeu. Fr. Munio proseguiu:

— «No meu tempo os cavalleiros, em Andaluzia, eram tres contra doze, e não viravam rosto! E havia muitos; o primeiro chamava-se D. Sancho, infante de Portugal. O segundo era Lourenço Viegas, o espadeiro! o outro, o terceiro . . . rezemos-lhe por alma! esse morreu para o mundo! . . . As lanças que vergam o braço aos cavalleiros d'agora, para nós seriam leves mesmo para cannas de torneio.»

E pegando na mais grossa meneou-a, ligeira como um vime. D'ahi retrahindo o corpo despediu-a contra um escudo, em que se enterrou duas pollegadas.

A cor do pejo assemou ás faces do rico homem de Lanhoso, que abaixou a vista. Seguiu-se longa pausa.

— «Bem vês, D. Martim, mesmo velho, este braço ainda jogava duas lançadas . . . aos mouros!»

Dizendo isto o frade sorria-se com brandura, mas

(1) Historia Evangelica, Apostolica e Doutrinal, por Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento — tomo 2.º

O cavalleiro não o ouvia. Com os beijos tremulos, e o semblante sombrio, corria o cirado a passos largos.

O monge, pouzando-lhe a mão no hombro para o deter, disse-lhe passado um instante: «Vamos; devos ser homem!» Elle olhava, e Fr. Munio ia proseguir, quando de uma barca pequena, navegada no esteiro proximo, entoaram estes versos de cantiga conhecida:

São frescas noutes de junho
Noutes de meigo luar;
Estão a arder-me no peito
Amores que fui queimar.

A medida que a voz cantava, a mão do frade descauindo apertava o peito; o pelo rosto tão sereno de ordinario fugiu a sombra de uma saudade, ou uma nuvem de pezar. — A cantiga continuou, mais distante já.

Fonte moura, fonte d'ouro,
Bem chamada de Atambar,
Por que sendo d'aguas doces,
Como pranto has de amargar!

A voz do rio perdeu-se ao longe; mas do outeiro proximo o pastor respondeu caminhando para o valle:

Minhas galas são as armas,
Veu descango o pelejar;
E no São João a noute
Meu dormir só é velar!

Em quanto uma nota suspirou nos echos, Fr. Munio debruçado parecia absorver os sons da melopea popular com a respiração anciosa. Uma das mãos no peito como para suster o coração; a outra na fronte, sobre os olhos, como para dizer á memoria e ao pensamento: «Fugi!» Tinha a vista pasmada e extasiada; os beijos entr'abertos; e as feições na dolorosa suspensão da magua. Escutava com a alma, o corpo nem sentia a existencia.

Conservou-se assim minutos. A vida intensa do espirito, solta dos sentidos, voava livre atrás das illusões do sentimento. A pouco e pouco a realidade sumiu a visão; e tornando á vida positiva, arrazaram-se-lhe os olhos d'agua. Os suspiros e os soluços queriam romper, e cortavam-se na garganta. Que infinito padecer accumulou aquelle momento só! Por fim não os pode conter, dous rios de lagrimas reventaram-lhe pelas faces!

D. Martin contemplava-o admirado. Minutos antes aclava no seu rosto a serenidade do céu; que versos eram aquelles, que desafiavam a tristeza ou o remorso?! Que mysterio encerrava a canção do rio? O cavalleiro sabia vagamente que um infortunio, dos que não deixam ao coração uma esperanza para se enganar, tinha mettido nas austeridades do claustro na robustez da idade aquelle homem, que na sua sede de gloria se queixava de ser estreita ainda a terra do seu berço. Como o tinha prostrado a desventura, arquejante sob o joelho? por que serie de agonias, fugindo do arruido dos arraiaes e da morte breve do soldado, buscara abrigo na paz do ermo? Mysterio era este que o senhor de Lanhoso ignorava como toda a gente. Quando conheceu o monge de Cister contava doze annos; e viu-o com as neves do inverno já na fronte, o esparto cingido ao corpo, e o mesmo riso pallido sobre os labios.

Os prantos, que ardem nas palpebras dos velhos, desatam-se amargosos e sombrios, porque são de tempestade. Quando virdes as lagrimas, a uma e uma,

borbulhando nos seus olhos, inclinac-vos! É a dôr em toda a grandeza. Tende piedade! N'aquelle seio as fontes do pranto, para manarem depois de seccas, romperam de uma agonia, das que matam em poucas horas! A infancia chora junto dos amores e entre as rosas; a velhice quasi sempre rega de lagrimas o sepulchro, aonde jazem os affectos que, perdidos, não deixam outra consolação além da saudade.

Pobre monge! A' força de enganar as penas, chegaste a enganar-te, julgando que as paixões se extinguiriam. Vê! bastou uma d'ellas, bastou a sua voz apenas, e acordaram todas, e morderam-te mais incisivas do que nunca. É que só dormiam!

O coração, macerado com os cilícios e jejuns, saugrado dos espinhos, como o escravo opprimido nos rigores de que o rodeaste, aprendeu a amar mais a liberdade. Despegal-o da carne, e convertel-o em vaso de eleição, para arder com o incenso da penitencia, era uma victoria propria de anjos; as forças do homem enfiavas que chegavam lá? Veiu a voz do mundo; e o captivo, semelhante ao corsel da Numidia, foi buscar os sitios da primeira vida. Monge! o teu coração de esposo e de soldado rebentava na estreita cella do mosteiro!

Fugiu-te! procura-o nas ruinas do mundo, aonde sonhou a gloria, provou as delicias da ternura, e enterrou a ventura; mundo destruido, de que só tu restas, sombra errante, entregue ao vago scismar da noute e da saudade; porque a noute, como a alma gemedora do poeta, é um mysterio de tristeza e uma vida inteira de recordações para o espirito! Pobre monge! Os prantos não aquecem cinzas frias; os affectos mortos não reverdecem com as lagrimas; o calor dos suspiros não abre os olhos, nem anima o peito, que seccou a aridez do sepulchro. A tua mortalha arqueja com o soluçar do remorso, mas o sudario, sobre aquelles ossos, não se levanta. A eternidade peza sobre elle!

É que erguesse! Não estão ahí os votos do claustro para te lembrar que já viveste? Os mortos não têm vontade, nem esperanza, nem memoria! Choras?! As lagrimas, allivio de todos, nas tuas faces queimam com o ardor do crime. Amas?! Monge! O amor nos solitarios é um sacrilegio, quando não se entrega a Deus.

Assim clamava do fundo d'alma a consciencia de Fr. Munio. Era amargosa a reprehensão; mas os remedios heroicos quasi sempre curam, doendo. Limpando os olhos com as costas da mão, o frade disse, virando-se para Martin Paes:

— «Chorou a carne; mas o espirito venceu e está alegre... resignado ao menos!»

— «Esta cantiga então?...»

— «Lembrou-me duas horas de felicidade na minha vida. Que de cousas me recorda!»

— «Amores?...»

— «Sim! Mas uma ternura que parecia mais do céu, do que dos homens; por isso Deus m'a tirou tão cedo. Vespera de S. João cantou-se esta cantiga; e a boca risotiva que a disse não tortu já a abrir-se! Estavam ali uns olhos cheios de amor, que a terra escondeu para sempre.»

— «Morreu?»

— «Mataram-na!» respondeu o frade, pallido como cera.

— «Ah!... E não a vingastes?»

— «Não m'o perguntas! Este labio não cotu uma innocente.»

— «E pudestes resignar-vos depois!»

— «Altos juizos de Deus!» Dizendo isto Fr. Munio cruzou as mãos sobre o peito. O cavalleiro não insistiu, porque seria inutil.

— „Martim Paes,“ proseguiu o monge com vehemencia. „pela sagrada hostia, não mates Gomes Lourenço. Esta cantiga ainda a não ouvi senão estando proxima a desventura dos que amo.“

— „Agouros não me prendem, padre.“

— „São avisos, filho. Deus falla por todos os modos aos que deseja salvar.“

Sem responder, o mancebo apertou-lhe a mão com torça.

— „Promettes?“

— „Não posso, é já tarde.“

— „Viste se padeço; pelo amor de tua mãe, não queiras o meu destino! Castigue-o Deus!“

— „É juiz, que mora tão longe, padre!“

— „E assim mesmo te vê, meu filho.“

— „Então que veja se me sei vingar.“

E sem querer ouvir mais nada, desceu a escada, e foi receber os ricos homens de Lima e Cávado. O frade, em vez de o acompanhar, entrou na ermida. Abi, fuzilando o céu e estalando os trovões, ajoelhou de mãos erguidas, em fervorosa oração. Instantes depois o ruido das vozes e o tinir das armas na sala de cima, annunciaram-lhe a chegada dos parentes de Lanhoso.

Já de noute o monge, ainda de bruços na lagem, sentiu o tropel e os relinchos de muitos corseis. Ouviu perguntar de fóra, e D. Nuno responder de dentro. Depois os alçapões rangeram nas cadêas, e caíram de pancada nos apoios da ponte.

— „E ninguem te dirá, Gomes Lourenço,“ exclamou elle, „que as portas deste castello, como as da eternidade, não se hão de abrir mais? Senhor! senhor! seja feita a tua vontade!“ E levantou-se sem acrescentar palavra.

(Continúa.)



MEDALHAS RARAS.

Wenzel Jamnitzer, abridor, oculista, orfão e mathematico.

O INDIVÍDUO, que a medalha copiada na nossa gravura representa, foi um d'esses artistas que, durante os seculos 15.^o e 16.^o, deram celebridade á cidade vivrê de Nuremberg, a Athenas d'Allemanha. E des-

conhecido em França; mas na sua patria, onde exerceu primorosamente a sua arte pelo mesmo tempo que Alberto Durer, deixou honrada e illustre memoria, e ainda no decimo setimo seculo se via o seu retracto na casa do conselho (*Rath-haus*).

Nasceu no anno de 1507 ou começo do de 1508, em Vienna ou em Nuremberg, o que não está bem averiguado. Um manuscripto do mathematico João Neudorffer, seu amigo, e que se julga ter igualmente sido seu parente por afinidade, nos diz que os dous irmãos Wenzel e Alberto Jamnitzer, mandaram buscar os seus velhos paes de Vienna, onde estavam, para Nuremberg. Estes artistas trabalharam sempre juntos, e Alberto parece ter tambem alguma parte nas obras de Wenzel, que era aliás dos dous o mais intelligente e perfeito.

Wenzel Jamnitzer era, como já se disse, ourives, abridor, oculista e mathematico. Trabalhou para os quatro imperadores Carlos V, Fernando I, Maximiliano II e Rudolpho II. Gravava com admiravel perfeição cunhos, já em metaes preciosos, já em pedras. Preferia a tudo a prata, e eram geralmente estimados os artefactos fundidos n'este metal, e lavrados depois a cinzel. Por meio de uma prensa de sua invenção imprimia em ouro e prata com a maior delicadeza. Foi o inventor de varios instrumentos de mathematica e de optica. Teve a honra de rivalisar com Alberto Durer, mormente nas sciencias mathematicas. Jamnitzer é o auctor de um livro, muito estimado no seu tempo, que se intitula *Perspectiva colorum regularium*. Deveu aos seus talentos a honra de ser eleito para fazer parte do governo da republica. Sua mulher chamava-se Anna, e parece ter pertencido á familia d'aquelle Neudorffer de que acima fallámos. Morreu Wenzel a 15 de dezembro de 1586, contando setenta e nove annos de idade, e foi enterrado no cemiterio de S. João, onde estavam os tumulos de seus paes, assim como o de um filho que tivera.

Na obra de G. A. Will, intitulada *Curiosidades numismaticas de Nuremberg*, vem a descripção de varias medalhas com a effigie do nosso artista. Uma d'ellas parece ter sido obra sua, porque se lhe observa a inicial W. As outras foram talvez abertas por seu irmão Alberto. A que representa a nossa gravura pertence ao gabinete de medalhas da bibliotheca nacional de Paris. Lê-se em tórno do retracto a seguinte inscripção: WENZEL JAMNITZER SEINER ALTERS LXVIII ANNO MDLXVIII. O artista está retractado quasi de frente, com a cabeça descoberta, e barba mui comprida. Esta medalha é de bronze, e de bellissimo trabalho. Como a maxima parte das medalhas d'aquella epocha, foi modelada em cêra, e depois fundida e recinzada pelo artista a quem a devemos. O seu nome encontra-se escripto Jamnitzer, Jamitzer e finalmente Jamniczer, como se lê no raro e curioso monumento que reproduzimos fielmente.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESTOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SEculo XV

Introdução.

MUITO tem em verdade custado ás nações europeas, invejosas ou rivaes, os grandes louros, que com sua intrepidez e esforço Portugal e portuguezes colheram nas suas originaes navegações do oceano atlantico, e

nas descobertas marítimas, que n'elle effectuaram no seculo 15.^o Em quanto o resto da Europa consumia o tempo, a vida e as forças em guerras intestinas, caprichosas e egoistas, em impolíticas e inglorias dissensões, tinha a Providencia disposto, que Portugal ganhasse pelo esforço e animo aventurado, que então o distinguiam, um grande titulo de nobilitação na exploração das sendas virgens dos

... mares nunca d'antes navegados

a sombra de cuja gloria ao menos descansasse nos tempos amargurados da decadencia. Se hoje nos toca contemplar envergonhados e impotentes a nossa nullidade estacionaria, e o progresso inaudito dos demais estados, em quem outr'ora nossas prosperidades despertavam invejas; não queiram ainda roubar-nos a ultima consolação da gloria adquirida, e a memoria dos dias venturosos. Já agora, que poderá confortar-nos na quadra triste do abatimento?

Querer-nos-hão mal, porque levantámos ao oceano atlantico a excommunhão tradicional, que o trazia como encantado e segregado do mundo antigo? porque lhe descobrimos as terras e os confins? porque circumnavegámos Africa? porque passámos ao indico e ao pacifico? porque descobrimos, só nós, mais mundo do que todo o que a antiguidade conhecêra? Foi sina nossa. A cada um a sua. Portuguezes fizeram tudo isso; portuguezas eram as emprezas que tão maravilhosos resultados alcançaram: e foi isto uma razão de mais para suscitar nos estranhos, a quem a sorte não dá parte em tão gloriosa vocação e herança, zêlos que o tempo tem recrudescido e inveterado.

Máu grado invejosos e praguentos, Portugal escreveu em caracteres sempre vivos, indeleveis, o seu nome na mais bella pagina da historia da humanidade, e do mundo physico. Se para a sua grande obra concorreram favoraveis circumstancias, de posição e occasião, em que pôde isso attenuar-nos o largo quinhão de gloria? Pudera como o tibio do Evangelho soterrar os talentos, e nem teriam porque, nem saberiam accusal-o; mas não fez assim. Persistiu muito tempo em sua indole guerreira e conquistadora: os mouros, expulsou-os de casa, e das fronteiras: fustigou-os até dentro das Hespanhas; e não contente com tel-os banido do solo europeu, foi mesmo na Africa, e em seus proprios lares, fazer-lhes a guerra e impor-lhes a conquista.

Faria bem ou mal n'esta perseguição encarniçada e deshumana? Aqui a questão é varia, e as opiniões encontradas! Hoje daria isso materia a pungente *peccavi*, e requereria absolvição; mas n'aquelle tempo chamaram heroicas a taes emprezas; deram-lhes os papas bullas e indulgencias, e todos auxilio e louvor.

Acostumados desde muito á vida de trabalhos e aventuras, iam-se os portuguezes então mal com o quasi ocio da pouca labutação interna. E acaso este Portugal debruçado sobre o mar grande e desconhecido, na extrema occidental da Europa, não estava convidando o insoffrido genio portuguez a emprezas não sonhadas, e busca de encantadas regiões? Este Tejo, tão magestoso, tão seguro, tão unico, não estava dizendo a novas emprezas marítimas, que nascessem e medrassem? Aquelle inclito infante D. Henrique, com tamanha predestinação e amor á geographia e cosmographia, e com animo tão ousado, não era um nuncio feliz do destino, que ao recente povo portuguez fadava uma grande sorte, e apontava largo horisonte a glorias e poder? Tudo concorria para que Portugal fosse o primeiro a abrir caminho por

novos mares. Foi assim que a descoberta de terras, consecuencia das navegações do atlantico, nossas foram, ou das nossas derivaram.

Isto, porém, de que em casa temos bons documentos, e de que em todos os espiritos, judiciosos e imparciaes, dados á lição da historia, nos sobejam provas, tem ainda assim gerado contestações sempre faceis de vencer, por quem como nós tem com que demonstrar exuberantemente direitos de propriedade, originalidade mesmo, dos modernos descobrimentos no oceano. Se, pois, descuido ou irreflexão nos tem deixado embriagar, e contentar com victorias parciaes repetidas, é preciso dar acôrdo de que ainda assim o absoluto desarmamento dos contrarios nos é indispensavel. Sem elle, inda que victoriosos, nunca haveremos repouso, e estaremos sempre em armas. Não aproveitando a derrota para os privar das munições, os deixamos ainda em pé de recommear teimosas, insensatas hostilidades.

Hoje mais do que nunca importa restaurar o imperio da verdade. Pede a justiça que com a discussão se derrame luz solar sobre as trévas apparentes da historia da originalidade de nossas navegações no oceano occidental, para que de uma vez para sempre se dissipem muitas falsas nuvens, com que algumas nações da Europa (melhor, homens ambiciosos e disputadores) têm pretendido encobrir pretensões traiçoeiras, tendentes a offuscar ou diminuir o resplendor, que portuguezes adquiriram na grande empreza dos modernos descobrimentos marítimos. Toda esta guerra, desde muito tempo ateadada, nasceu de má vontade, de obstinação que tinham muitos estranhos em dar testemunho da verdade, de calculo para enredar a historia da geographia da idade media, e entreter com o sophisma e com a fraude espiritos dubios e timoratos. Quizeram á força de confusão tornar dependente de operações do raciocinio (para que nem todos são aptos, e a que nem todos se prestam de boa mente) o conceito preclaro, aliás irrecusavel, e de intuição simples a quem conhece a historia dos descobrimentos modernos, do grande serviço que com elles fez Portugal ao actual estado material e moral do mundo. Linguas de commercio mais universal, mais mãos que escrevam, mais livros que circulem, tem dado a nossos inimigos ou competidores, occasião de propagar o erro que os favorece, em prejuizo nosso e da verdade. Se em nossos velhos livros, ou cartorios raramente explorados, temos publicos e authenticos os documentos do nosso senhorio e primazia, é isso tão mal conhecido dos de casa, e tão pouco vulgarizado no recinto nacional, que não admira que fóra d'elle ainda sejam confundidos, ou confundidos até ao absurdo.

No pequeno trabalho, cuja publicação em breve agora, conduziremos a discussão sobre os pontos propostos com a maior lizura e lealdade sem condescendência, nem ambiguidade. Não faremos parte da risada menção dos escriptores (estrangeiros) nem de capciosos fundamentos, com que pretendem contestar á nação portugueza a originalidade da navegação do atlantico septentrional, e descobrimento de suas ilhas, principalmente as do archipelago das Açòres, chamando a si, ou á antiguidade, a prioridade d'elles: não discutiremos uma por uma essas pretensões absurdas, fructo da ignorancia, ou da inveja, porque assim ficára este trabalho com certo relevo de polemica pessoal, que nos foi sempre incomportavel, e vae mal ao nosso temperamento. Buscaremos banir para sempre da contestação historica sobre o nosso ponto, certos elementos de argumentação, viciosos e sophisticos, que com a maior sem razão tem sido até agora mais ou menos tolerados.

procuramos, como merecem, sentenciar-los em ultima instancia, para que não mais sirvam nem appareçam no debate; para que não mais haja quem ouça apresentar-se a combater com elles, e por elles. Raciocínio franco e verdadeiro é a arma com que esperamos vencer as duvidas e opposições, que nos tem feito muitos escriptores estrangeiros, desde os fins do 17.º seculo.

Da these, ou de pontos correlativos, já trataram brevemente alguns de nossos abalisados escriptores; mas temos sincera convicção de que só agora a grande serie de provas que colligimos põe o objecto geral e particular em toda a sua luz, e convence plenamente os mais obstinados. Teremos porventura de desalojar muito prejuizo mesquinho, de contestar a impiedade de credulidade de alguns de nossos chroistas pobres, inertes Davides, teremos de esperar de frente vultos, que o tempo canonizou gigantes; mas cremos que n'esta como guerra civil litteraria não haverá vencedores nem vencidos, e que só a patria commum recolherá triumphos. Se em nosso atrevimento houver alguma cousa de heresia, que as letras não o perdoem, em obsequio ao muito amor da patria que nos impelle a tanto.

Dis-aqui, como determinamos dividir as provas d'esta obra.

Primeira parte. — Os antigos até a queda do imperio romano, no 5.º seculo da era christã, nem conheceram, nem tiveram noção real do alto mar atlantico septentrional e de suas illas.

Segunda parte. — Os cosmographos e cartographos da idade media, desde o 5.º até ao começo do 15.º seculo, não tinham sobre o alto mar atlantico septentrional e suas illas mais conhecimento, do que as escuras e fabulosas tradições da antiguidade.

Tercera parte. — Ainda mesmo depois das navegações e descobrimentos dos portuguezes, no alto mar atlantico septentrional, em principios do seculo 15.º, as tabulas da antiguidade a respeito d'aquelle mar e suas terras continuaram a grassar por muito tempo.

Quarta parte. — O pretendido achado de uma estatua equestre na ilha do Corvo, uma dos Açores, em occasião de sua descoberta, é historicamente impossivel, e não tem em seu apoio prova relevante.

Quinta parte. — A existencia e authenticidade das cartas geographicas do infante D. Pedro, e cartorio de Alcobaga, no que toca ás navegações e descobertas transatlanticas, que (dizem) já accusavam antes das empresas maritimas dos portuguezes, são destinadas de fundamento.

(Continua.)

JOSE DE TORRES

ESTUDOS SOBRE A GUINE DE CABO VERDE.

172 e 1090. — *A praça de Bissau.* — *O Pegiquil,* — *as Bajadas.* — *A feira.* — *O fancaz, e a hesitação.* — *Os manebos e os valentões.* — *O ilheu do Rey a vista de passaro.* — *O porto de Bandim,* — *o canhão de S. João, e o brique-escuna Faro.*

(11)

Em casa onde eu estava aquartelado via-se perfeitamente a praça de S. José de Bissau, de que apenas distaria umas vinte braças, cheguei-me para a janela para esnallar com a contempiação de novos objectos as dolorosas recordações de todo este dia. Já já tinha observação a fortaleza de relance, mas

podia ser que agora esta vista me deleitasse. Enganei-me.

Eram quasi seis horas da tarde. O sol, enfraquecido pelos vapores do poente, tingia as muralhas da fortaleza de uma linda côr de açafão, onde se desenhava, n'uma graciosa guarnição de gregas, a sombra escura das cabanas dos grumetes, enlaçada pela das raras purgueiras, que se erguiam na esplanada por este lado.

Com os olhos fitos no baluarte, onde tremulava a bandeira bicolor, embebi-me em meditações, umas melancolicas e repassadas de saudade, outras esperançosas e ardentes de patriotismo, outras geladas e tristes como o tumulo, onde jazem sepultadas as nossas virtudes com as nossas glorias.

N'este arrobo dos sentidos não dava acôrdo de nada. Não ouvia o que ao pé de mim se estava dizendo; não via senão a fortaleza; e tambem a sentinella do baluarte, que passava, regularmente como um pendulo, em tempos iguaes, por diante d'uma canhoneira, e que depois se encobria pelos merlões; não sentia calor, nem cançasso, não tinha appetite, e nada me lembrava d'esta epocha de decadencia; nem mesmo que eu existia. Ergui os olhos. Um raio de sol tingia a bandeira de uma côr vermelha como sangue, e logo a imaginação me transportou para o meio de um extenso campo de batalha, que era todo esse terreno de que desapareceram a fortaleza, as casas e as choupanas. Milhares de individuos, completamente nus, armados de azagaias, e espumando de raiva atacavam uma *tabanca*, no recinto da qual se estava construindo a fortaleza, e morriam ás dezenas, fulminados pelo raio que despediam as espingardas e os canhões dos defensores da *tabanca*, que muitas vezes caíam atravessados por uma azagaia despedida por mão invisivel: que guerra esta tão mortifera! quem a tinha provocado? as intrigas dos francezes, que para se vingarem de os precedermos atigaram a deslealdade d'estes pretos, que depois de terem recebido o prego da venda de terreno, e de terem annuido a que n'elle de novo se levantasse a antiga fortaleza, se mostravam irados, pesarosos, e arrependidos, e procuravam pela morte dos portuguezes fazer os negocios da companhia de França, e quem sabe se tambem da côrte; obstando a essa tão temida reconstrucção, que pareciam desejar, quando annos atrás pediam com tantas instancias que se effectuasse.

No meio dos soldados, que de Cabo Verde tinham ido para protegerem esta obra, levantava-se o vulto magestoso de Sebastião da Cunha Sotto-Maior, que feito ás guerras de Mazagão, d'onde tinha sido tirado para governar o estabelecimento, que era encarregado tambem de crear e proteger, a todos subjugava, tanto aos proprios como aos inimigos, pelo ascendente que lhe dava sua valentia heroica, sua probidade e desinteresse, e seu esclarecido patriotismo. Era a esses dotes que se devia attribuir a confiança e dedicacão de seus soldados; a coragem resoluta dos operarios e de seu chefe, o engenheiro Antonio Carlos Andreas, (1) que faziam crescer a fortaleza a olhos vistos; e o terror d'aquelles barbaros que suppunham tudo isto prodigios de feitiçaria. E tão enraizada tinham essa crença, que já nem se atreviam a aproximar-se da *tabanca* para não verem

(1) Envolvido na perseguição que a Sebastião da Cunha moveu a companhia, protegida pelo marquez de Pombal, foi obrigado pelo governo da metropole a sentar praça de soldado, e a ir fazer serviço na companhia paga da villa da Praia, onde se achava em 1770. Depois não soube mais o que foi feito d'elle: talvez morresse das febres.

scintillar nas mãos do heroe portuguez a espada com que suppunham que chamava as potencias infernaes a que estava associado.

É qual é dos portuguezes da Europa que se lembra do seu nome, ou que sabe qual foi o seu destino? . . . Mas lembram-se d'aquelle que o metteu no limoeiro carregado de ferros; e que, tendo-o soltado porque precisava d'elle, o mandava depois buscar preso, quando lhe pareceu que já não precisava d'elle, e que se lhe sequestrassem os bens (carta regia de 8 de novembro de 1774, dirigida ao que foi rendel-o, o governador Ignacio Xavier Baião)! Do opprimido patriota já ninguem se lembra, e ao oppressor chamam-lhe *grande homem*! Estaria já Portugal n'esses tempos como de Roma dizia Jugurtha que estavam seus habitantes? . . . Depois d'isto não devemos admirar-nos do estado em que vemos as nossas colonias. Colhemos tempestades, porque então se mearam-se ventos. O que é que os nossos filhos coth'erão á vista da sementeira que para elles estamos fazendo?

Mais de duas mil e quinhentas pessoas morreram a esta guerra ferina e traiçoeira, que durou perto de oito annos, por se ter renovado depois da primeira perseguição do heroe, que deveu á necessidade que n'aquellas paragens havia do seu braço poderoso o quebrarem-lhe os grilhões ignominiosos, e restituirem-lhe a liberdade, que aproveitou para se vingar nobremente de seus perseguidores, submettendo completamente os papéis, e conquistando para Portugal a ilha de Bissau! Não ha portanto, aqui, uma pedra que não custasse a vida de um homem; nem uma pollegada de chão que não fosse banhada com sangue. . .

Insensivelmente, e só pela analogia das circumstancias, remontei-me a 1696. Tambem então os negros, depois de terem pedido com instancia que construissem os portuguezes uma fortaleza, que os protegesse, e evitasse que ali fossem estrangeiros fazer-lhes affronta a pretexto de negociarem; depois de terem acordado mutuamente sobre o local em que a fortaleza se havia de fazer, não tardou que se arrependessem, e viessem com guerra interromper os trabalhos começados, e que sómente se puderam continuar depois que um auxilio chegado muito á pressa de Cacheu, levando o governador Santos Vidigal Castanho á sua frente, atemorizou os negros, e reforgou os brios dos portuguezes, que puderam um anno depois ficar de dentro da fortaleza; a qual, posto fosse de uma construcção mais fraca por ser de adobe, não era pouco defendida, pois tendo apenas 570 pés em redondeza com dous baluartes com suas pontas diamantes, era guarnecida com oito peças em cada um, e na cortina da muralha entre os baluartes havia doze peças; tudo isto guardado por uma força de quarenta soldados.

Não sei como, nem porque, a idéa que eu fazia d'esta praça tinha alguma cousa de horrivel: talvez concorresse para isso a narração que me tinham feito da estrangulação do cirurgião Guerreiro, feita n'um dos calabouços de Bissau por ordem superior, no primeiro quartel d'este seculo; e a prisão e perseguição, em tempos mais recentes, do tenente Ferreira, se é verdade a terça parte ao menos do que lhe ouvi contar, e de que ainda se resentem as suas faculdades mentaes! Mas, fosse qual fosse a causa da idéa que eu tinha de Bissau, o certo é que eu esperava achar-me frente a frente com um castello ennegrecido pelos annos, com suas torres e bastiões, defendido por obras exteriores, elevando-se no meio, como um gigante de atalaya que alonga vistas desconfianças por toda a extensão do paiz, uma forte cidadella:

e tudo isto guarnecido de innumeraveis bocas de fogo, e com o seu acompanhamento forçado de marmoras e caminhos subterraneos, e de um largo e profundo fosso, coberto de uma agua lodosa e verde-negra, que não se atravessava senão por meio da ponte levadiça, presa por grilhões de ferro a muralha, e que só abaixando-se deixava perceber a porta da entrada, encoberto por longas e sombrias escadas.

Bissau não só não é nada d'isto, mas nem ao menos procura imitar, na minima cousa, esta pintura da imaginação. Vi uma fabrica mui singela, que talvez se pareça com a praça de Cascaes, como eu tinha lido n'um folheto de polemica entre dous governadores, mas só tanto quanto se pôde parecer com a Torre de Belem uma que eu vi de cortiça na ultima exposição do Arsenal. Era mais que modesto o espectáculo em que fitava os olhos, e nem por isso fiquei desapontado: é porque aquillo que faltava á grandeza, á magestade da fabrica, sobejava na historia do heroe, sob a protecção de cuja espada se levantou; e a quem Portugal pagou os serviços que lhe devia, como costuma pagar aos que melhor o servem, com a prisão, ou o hospital: mas isso mesmo tornava muito maior e mais respeitavel a meus olhos a memoria da illustre victima da sua ingratitude.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTLEIRO.

CHEMICA APPLICADA AS ARTES.

Fabricação de vilas de scarina.

Colloca-se no centro da tina um braço vertical de ferro, que descança na sua parte inferior sobre um quadrado igualmente de ferro. Este braço está armado para a direita e para a esquerda de braços horizontaes, munidos de pennas de rodizio, como as do moínho de agua, ou de pás de folha de ferro, que cheguem quasi ao fundo da tina. Este aparelho põe-se facilmente em movimento por meio de uma machina de vapor: Acontece algumas vezes parar este movimento em razão da solidificação do sabão por meio da cal viva.

A saponificação dura ordinariamente o espaço de um dia, mas convem não tirar a agua que está na tina, e que contém a glicerina (princípio doce dos óleos) senão no dia seguinte pela manhã. Logo que a massa está sufficientemente fria, tira-se da tina, e parte-se em pedaços que não sejam muito voluminosos, e que não excedam a grandeza de um ovo.

Tambem se pôde empregar para o fim da mistura, o mago de que se servem os jardineiros para moer o gesso, ou o rolo dos jardins e outrosapparelhos postos em movimento por meio de machina de vapor.

Para se decompôr o sabão calcareo, serve-se de uma tina de madeira, contendo tambem na sua parte inferior uma serpentina de chumbo ou de cobre, como já explicámos para a tina de saponificação.

N'esta tina lança-se o sabão que se pretende decompôr, e sobre elle verte-se o acido sulfurico diluido em agua, marcando 20º no areometro de Beaumé. Este acido é lançado por pequenas porções até se conseguir a perfeita decomposição do sabão calcareo; o que facilmente se reconhece, examinando no fundo da tina o sulfato de cal que n'elle se forma e deposita. A decomposição está completa logo que

deposito apresenta o aspecto de uma massa homogénea que apenas contenha alguns resquícios de sabão não decomposto. Toda a materia gordurosa que aboia a superfície da agua acidulada, decanta-se para uma outra tina munida sempre de uma serpentina de chumbo ou de cobre. Ali faz-se passar por uma nova lavagem com o acido sulfurico diluido em agua, marcando 29° no areometro de Beaumé. Deste modo completar-se-ha a decomposição da parte do sabão calcareo, que se houver escapado á acção do acido sulfurico contido na primeira tina. Deixa-se separar a materia gordurosa por espaço de quatro horas, e depois decanta-se para uma outra tina, munida de uma serpentina, contendo agua commum.

Faz-se ferver a materia com esta agua por espaço de uma hora, para o fim de extrahir d'ella alguns resquícios de acido sulfurico que porventura ainda possa conter, e deixa-se permanecer n'este estado por espaço de outras quatro horas.

O sulfato de cal que fica depositado na tina de que nos servimos para a decomposição é attentamente lavado, e d'elle se extrahê :

1.º Um excesso de acido sulfurico, que se guarda para as decomposições ultteriores ;

2.º A materia gordurosa que está entranhada no sabão.

A quantidade theorica do acido sulfurico de 66° necessaria para a decomposição do sabão calcareo, é de 11.8 por 100 : mas a pratica exige se empregue uma quantidade de acido que é indispensavel para se effectuar uma boa decomposição, e em razão de outras perdas que resultam da fabricaçãõ em ponto grande.

A materia gordurosa, proveniente do sabão calcareo, lança-se em moldes de folha de Flandres, nos quaes se deixa esfriar. Estes moldes deverão ter a dimensão das chapas de ferro forjado, que servem nas prensas de vapor de que adiante fallaremos. Estes moldes têm a fôrma de um taboleiro. Dispõem-se os acidos gordurosos n'estas caixas em folhas que tenham (3 centim.) 1,08 pollegada portugueza de espessura pouco mais ou menos, e que pezem (5 kilogram.) 10.90 arrateis portuguezes.

Estas caixas têm lateralmente, isto é, na extremidade vertical, abertos dous ou tres buracos de perto de (1 centim.) 0,36 pollegada portugueza de diametro. Estes buracos são destinados para dar despejo á materia gordurosa. As caixas collocam-se umas sobre outras, de modo, que a primeira escõe na segunda, a segunda na terceira, e assim por diante, até chegar á ultima; assimilhando-se por isso a um systema de cascatas, para o que bastara lançar a materia gordurosa na primeira caixa para encher todas as outras.

Conveniente que se mantenha durante o inverno uma temperatura media na officina em que estão depositadas as caixas : por quanto o frio poderá empecer a cristalização dos acidos gordurosos e dificultar a espremidora do acido olaico.

Assim que a materia gordurosa tem arrefecido, voltam-se para baixo as caixas para d'ellas tirar as laminas moldadas que se chamam pães. Estes pães envolvem-se em saccos de lã, baeta, de brim, ou lona, e collocam-se uns sobre as outras em pilhas de 4 ou 5 sobre a mesa de uma prensa hydraulica vertical. Sobre a primeira pilha põe-se uma chapa de ferro fundido da dimensão da mesa, e sobre ella uma pilha de quatro ou cinco pães, continuando assim até que uma porção de pães forme uma columna ou pilha que occupe o espaço comprehendido entre a massa da prensa e a parte inferior do cimeiro ou trave principal que fornece a resistencia. Por esta fôrma

dispostos os pães fazem-se trabalhar as bombas e comprimem-se gradualmente por espaço de cinco ou seis horas.

O acido olaico separa-se dos acidos solidos, o acido stearico e margarico : recolhe-se e transporta-se para dentro de uma cuba, aonde pelo resfriamento da temperatura se obtem um deposito de materia gorda, que depois se lança no decurso da fabricaçãõ.

A temperatura á qual submettem as materias oleosas provenientes da pressãõ a frio, que acabãmos de descrever, deve quanto possivel aproximar-se de 5° abaixo de zero, afim de se alcançar por meio das deposições a maior quantidade possivel de acidos solidos. Terminada que seja a pressãõ a frio, procede-se a uma segunda pressãõ, que agora se faz a quente, por meio de uma prensa hydraulica horisontal, munida de chapas de ferro forjado da espessura de um e meio centimetro. Estas chapas aquecem-se immergindo-as em uma caixa de ferro fundido que contenha o vapor da agua, ou collocando-as sobre uma porção de agua a ferver, cujo grãu de fervura se augmenta por uma addição salina.

Ha chapas que são excavadas, e que recebem na cavidade um jorro de vapor que as aquece.

Os pães mantêm-se sempre envolvidos nos saccos que acima mencionãmos, ou em almofadas de clina, que se denominam expressores. Estes expressores compõem-se de duas folhas com a mesma dimensão das chapas, e formam um tecido feito com uma especie de cadêa ou trança, apresentando uma superficie enrugada semeada de cellulas, nas quaes se fixa a materia gordurosa de cada pão, e a impede de se escapar.

Dispostos os pães entre duas folhas expressoras, collocam-se depois entre duas chapas quentes que descansam no texto ou cobertura da prensa, e começa então a pressãõ mui gradualmente, a qual durará tres quartos de hora, pouco mais ou menos.

(Continúa.)

VANTAGENS DO LÉR.

A leitura, meus amigos!... sabeis vós bem o que é a leitura?! é de todas as artes a que menos custa, e a que mais rende. Ha livros, que, similhantes a barquinhas milagrosas, incorruptiveis e inaufragaveis, nos levam pelo oceano das idades a descobrir, visitar e conhecer todo o mundo, que lá vae : os povos antigos revivem para nós com todos os seus usos, costumes, trajes, feições, crenças, idéas, vicios, virtudes, interesses e relações : a historia é a mestra da vida, e as suas lições ampliação e complemento ao nosso juizo natural; no que foi aprendemos o que deve ser. Dizem que mente as vezes! Tambem na seara ha joio, e nem por isso deixaes vós de ceilar com alegria. Mas apesar das suas mentiras fica ainda sendo a historia uma das mais verdadeiras cousas do mundo. Os contemporaneos de cada um dos homens notaveis, heroes ou monstros, dos tempos antigos, talvez os não vissem tão ao natural como nós cá de longe : porque? por isso mesmo que eram vivos cercavam-nos um estrondo confuso, e vozes contradictorias, que para nós emudeceram : o amor e o odio, o terror e o entusiasmo tingiam nas suas cores, os feitos e os ditos; o espectador muito de perto, e distraído com os seus proprios negocios, não podia abranger a totalidade de uma scena ás vezes immensa e complicada; não é nem ao pé em demasia, nem em demasia longe, que os objectos se julgam com exacção.

CASTILHO. — A FELICIDADE PELA AGRICULTURA.